

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Stefan Blunier direcção musical

30 Out 2021 · 18:00 Sala Suggia

ANO ITÁLIA



casa da música

MECENAS ANO ITÁLIA 2021





Maestro Stefan Blunier sobre o programa do concerto
VIMEO.COM/639122127

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Giacinto Scelsi

Quattro pezzi su una nota sola, n.º 1 (1959; c.3min)

Ottorino Respighi

Fontane di Roma (1916; c.15min)

1. La fontana di Valle Giulia all'alba
2. La fontana del Tritone al mattino
3. La fontana di Trevi al meriggio
4. La fontana di Villa Medici al tramonto

Giacinto Scelsi

Quattro pezzi su una nota sola, n.º 2 (1959; c.4min)

Ottorino Respighi

Pini di Roma (1924; c.20min)

1. I pini di Villa Borghese
2. Pini presso una catacomba
3. I pini del Gianicolo
4. I pini della via Appia

PAUSA TÉCNICA

Giacinto Scelsi

Quattro pezzi su una nota sola, n.º 3 (1959; c.5min)

Ottorino Respighi

Feste Romane (1928; c.24min)

1. Circenses
2. Il Giubileo
3. L'Ottobrata
4. La Befana

Giacinto Scelsi

Quattro pezzi su una nota sola, n.º 4 (1959; c.5min)

Imagens sonoras da cidade eterna

Após a estreia romana da *Sinfonia Dramática*, ocorrida em 1915, os jornais acusaram **Ottorino Respighi** (Bolonha, 1879 — Roma, 1936) de ter feito música alemã e, portanto, de ter traído o ideal da *italianità*. A conhecida trilogia romana — *Fontane di Roma* de 1916, *Pini di Roma* de 1924, e *Feste Romane* de 1928 — pode ser interpretada como uma resposta a esta censura, coincidente, de resto, com o ambiente político e cultural que se respirava então em Itália e que acabaria por impulsar a chegada do fascismo ao poder. Respighi nunca apoiou Mussolini — que pelos vistos admirava a sua música — de forma explícita, mas conviveu pacificamente com o seu regime, com o qual tinha afinidades, mais que políticas, de carácter cultural. Tinham que ver com uma atitude antimodernista e contrária ao internacionalismo, que, em 1932, defendeu num manifesto — assinado por vários compositores — em que se declarava uma total recusa da “confusão atonal, politonal, objectivista e expressionista” que tinha dominado a música contemporânea na década de 20. Segundo os signatários deste manifesto, a música devia ter um conteúdo humano. Não devia ser um mero jogo mecânico e cerebral, sem impacto emocional. As experiências individuais desenvolvidas em diversas cidades europeias eram consideradas a causa da desintegração das comunidades construídas em torno da música. Esta postura, contrária ao individualismo e ao internacionalismo e espiritualista, opunha-se, portanto, ao “cerebralismo” da música experimental da época.

Embora fossem anteriores ao manifesto de 1932, os três poemas romanos de Respighi vão ao encontro das ideias que se assinalam no texto. São uma representação sonora, ao

mesmo tempo realista e romântica, da capital italiana: realista porque oferece quadros de paisagens reconhecíveis e romântica porque é o resultado de uma visão “humana” (subjectiva, pessoal e idealizada).

O compositor descreveu, aliás, com detalhe o programa que estava por detrás de cada uma destas obras. Seguindo uma ordem cronológica, tentou primeiramente dar expressão aos sentimentos produzidos por quatro fontes de Roma em diferentes momentos do dia: cada uma das peças tenta reproduzir através da sonoridade a atmosfera que as rodeia, “contempladas na hora em que o seu carácter está mais em harmonia com a paisagem circundante, ou na qual a sua beleza parece mais impressionante para o observador”. Assim, Valle Giulia retrata uma paisagem pastoral. A Fonte de Tritão alude à “alegria de náiades e tritões brincando, perseguindo-se mutuamente e dançando entre os jactos de água”. Segue-se a solenidade que envolve a Fonte de Trevi ao meio-dia, com a passagem da “carruagem de Neptuno desenhada por cavalos-marinhos, e seguida por um desfile de sereias e tritões”. Finalmente, a Fonte de Villa Medici retrata “a hora nostálgica do pôr-do-sol, quando o ar está repleto do som dos sinos, do chilrear dos pássaros, do sussurro das folhas. No fim, tudo morre pacificamente no silêncio da noite.”

Em segundo lugar, em *Pini di Roma*, estas árvores representam o espírito de diferentes locais e ambiências da cidade: as crianças brincam no pinhal Villa Borghese; perto de uma catacumba, as sombras destas mesmas árvores ecoam hinos solenes que se desvanecem misteriosamente; transporta-nos a seguir ao delicioso ambiente da colina de Gianicolo, onde se pode escutar o canto do rouxinol e desde a qual se pode avistar o panorama que oferece a cidade de Roma; os solitários pinheiros da

Via Ápia fecham o poema transformados, nas palavras do compositor, numa “visão das glórias passadas; as trombetas soam, e o exército do cônsul avança brilhantemente na grandiosidade de um sol recém-nascido em direcção à Via Sagrada, montando o Monte Capitólio em triunfo”.

Por último, os quatro andamentos de *Feste Romane* são cenas da vida do povo romano na Antiguidade: os cristãos são martirizados no *Circus Maximus* perante uma multidão frenética; uma procissão de peregrinos que percorrem um longo caminho rezando e cantando à cidade santa; as festas das vindimas em que a vida rural é retratada através da caça e de uma serenata; finalmente, uma noite de festa popular celebrada na Piazza Navona em vésperas da Epifania.

O vigor e a exuberância sonora da música orquestral de Respighi poderiam parecer completamente estranhos ao ascético universo criativo de **Giacinto Scelsi** (La Spezia, 1905 — Roma, 1988). Porém, com um pouco de imaginação, podemos traçar pontos em comum entre as *Quattro pezzi* — definidas pela insistência obsessiva em notas isoladas, pelos instrumentos de sopro e pelo predomínio do registo grave — e certa imagem sonora, comum com determinadas passagens da música inspirada em Roma de Respighi que, sobretudo, explora a textura orquestral. Ou seja, todas as peças incluídas neste programa recusam o pensamento discursivo que se baseia na ideia de desenvolvimento e que se foca na variação e coesão de parâmetros abstractos, tais como as alturas ou as harmonias. No que diz respeito a Scelsi, esta característica implica que põe o foco na “materialidade puramente sonora” da sua música que, nos anos 80 do século XX, vinha ao encontro de uma tendência contrária

ao “cerebralismo” e à complexidade do pós-serialismo que dominava então a cena da composição contemporânea. Note-se a sobrevivência, sessenta anos depois, dos debates estéticos em que deveria ser contextualizado o manifesto assinado em 1932 por Respighi. No entanto, a personalidade enigmática de Scelsi, as suas excentricidades e a sua ascendência aristocrática são outras tantas explicações do fascínio exercido pela sua figura.

Respighi nasceu numa família musical e teve o percurso formativo e profissional habitual no meio, apesar da singularidade que, no contexto italiano, implicava o seu marcado interesse pela música instrumental. No seu caso, infundiu-lhe esse gosto o seu mestre em Bolonha: o influente pianista, maestro e compositor Giuseppe Martucci, quase desconhecido fora de Itália. Por seu turno, Scelsi nunca recebeu ensinamentos formais em música, embora se relacionasse de forma constante com músicos profissionais. Frequentou, por exemplo, a casa romana de Respighi durante a sua juventude. Em 1989, o compositor Viero Tosatti afirmou numa entrevista que, na realidade, era ele o autor das obras que Scelsi assinava. Estas declarações geraram, como era de esperar, controvérsia. Independentemente de serem ou não certas, questionam os motivos pelos quais o nome de Scelsi chegou a ocupar um lugar de destaque a partir da década de 80 do século XX. Podemos pensar que um conde latifundiário, nascido e criado num castelo do Sul da Itália, que dedica a vida à arte constitui, de facto, uma raridade. Na década dos “lobos de Wall Street” é, aliás, compreensível que se valorizasse enquanto representante de uma espécie de “diletantismo aristocrático”, na expressão do maestro Zoltán Peskó, e, sobretudo, do vínculo pessoal com a terra e com a tradição.

Voltando ao programa, cada uma das quatro peças de Scelsi que emolduram os três poemas sinfônicos romanos de Respighi começa e conclui usando uma única nota, convidando, como já foi apontado, à concentração nas qualidades intrínsecas do próprio som. Por isso se tem assinalado a influência da cultura oriental na música de Scelsi, comparando-a, por exemplo, aos cantos tântricos tibetanos e aos ragga indianos. Os poemas de Respighi, por seu turno, parecem por vezes uma espécie de manta de belos retalhos sonoros que remetem para a música de compositores que lhe serviram de modelo: Rimski-Korsakoff (que foi seu professor de orquestração em São Petersburgo), Strauss e Stravinski, entre outros. No entanto, o que interessa é que, do ponto de vista da escuta, a sensação de estatismo que transmitem todas as obras programadas pode ser associada à imagem sonora de ritos antigos e, portanto, à representação de certa ideia de eternidade da qual a própria cidade de Roma é um símbolo.

TERESA CASCUDO, 2021

Stefan Blunier direcção musical

Stefan Blunier tornou-se Maestro Titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música no início de 2021. Para além dos seus compromissos no Porto, a temporada 2021/22 levou-o a dirigir a Orquestra da Suíça Romanda, a Sinfónica de Berna, a Orquestra Estatal de Darmstadt, a Sinfónica da Ópera de Toulon e a Sinfónica de Singapura. Regressa à Deutsche Oper am Rhein com *Macbeth* de Verdi.

Depois do grande sucesso que foi a nova produção de *Wozzeck* de Berg, no Grand Théâtre de Genève, em 2017, Blunier foi imediatamente convidado para uma nova produção de *O Barão Cigano*. Dirigiu depois *Lohengrin* na Ópera de Frankfurt, onde foi também bem-sucedido com *Daphne*, *Tristão e Isolda* e *Carmen*. É convidado frequente da Ópera Alemã de Berlim, onde se apresentou recentemente com *Carmen*, *Salomé* e *O Morcego*. Dirigiu *Diálogos das Carmelitas* de Poulenc na Ópera Estatal de Hamburgo, *Os Contos de Hoffmann* na Den Norske Opera (Oslo) e na Komische Oper (Berlim), e ainda uma nova produção de *Der ferne Klang* de Schreker na Ópera Real Sueca.

Com produções como *Der Golem* de Eugen d'Albert e *Irrelohe* de Schreker, Stefan Blunier ajudou a Orquestra Beethoven de Bona e a Ópera de Bona a conquistarem prestígio para lá da sua região, durante o período em que foi Director Geral de Música da cidade, até 2016. Ambas as óperas foram editadas pela Dabringhaus & Grimm e receberam vários prémios: ECHO 2011 (*Golem*) e 2012 (*Irrelohe*), bem como o Prémio da Crítica Discográfica Alemã 2012 (*Irrelohe*). O seu trabalho com esta orquestra incluiu a gravação de uma impressionante discografia, com obras raramente apresentadas de Anton Bruckner, Franz Liszt

e Franz Schmidt, bem como a criação de um ciclo dedicado a Beethoven.

Como maestro de ópera, Stefan Blunier tem-se apresentado em cidades como Munique, Hamburgo, Leipzig, Estugarda, Montpellier, Oslo, Berna e Londres. Como convidado, dirigiu praticamente todas as orquestras sinfónicas das rádios alemãs, a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, a Sinfónica de Duisburg, o Frankfurt Museumskonzerte e muitas orquestras da Dinamarca, da Bélgica, do Extremo Oriente, da Suíça e de França. Mais recentemente, dirigiu a Sinfónica NHK (Japão), a Sinfónica Escocesa da BBC, a Sinfónica Nacional da Irlanda, a Filarmónica de Estugarda, a Sinfónica do Porto Casa da Música, as Filarmónicas de Rheinland-Pfalz e do Sul da Holanda, a Orquestra da Rádio Norueguesa e a Century Symphony Orchestra de Osaka. Paralelamente aos seus compromissos em Bona, foi Maestro Convidado Principal da Orquestra Nacional da Bélgica (2010-2013).

Natural de Berna (Suíça), Stefan Blunier estudou piano, trompa, composição e direcção de orquestra em Berna e na Escola Superior Folkwang, em Essen. É fundador do Ensemble für Neue Musik Essen. Depois das bem-sucedidas participações nos Concursos de Direcção de Besançon e Malko, foi nomeado Maestro Titular Associado em Mannheim e Director Musical e Maestro Titular em Darmstadt (2001-2008), antes de assumir o seu mandato como Director Geral de Música da Ópera e da Orquestra Beethoven de Bona (2008-2016).

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Christian Zacharias maestro convidado principal

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias e Lothar Zagrosek. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann e Philippe Manoury.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, estando programada para 2021 a sua primeira actuação na emblemática Philharmonie de Colónia. Ainda este ano, apresenta um ciclo dedicado às sinfonias de Sibelius e novas encomendas da Casa da Música aos compositores Luca Francesconi, Francesco Filidei e Carlos Lopes.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos Concertos para piano e orquestra de

Beethoven e Rachmaninoff; e dos Concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020) e Peter Eötvös (2021), além de obras de compositores portugueses e da integral dos Concertos para piano e orquestra de Rachmaninoff (2017), todos com gravações ao vivo na Casa da Música.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa, foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), vindo posteriormente a ser criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

Violino I

James Dahlgren
 Álvaro Pereira
 Radu Ungureanu
 Roumiana Badeva
 Evandra Gonçalves
 Emília Vanguelova
 Ianina Khmelik
 Maria Kagan
 José Despujols
 Tünde Hadadi
 Vadim Feldblioum
 Vladimir Grinman
 Alan Guimarães
 Andras Burai
 Jorman Hernandez*
 Ana Luísa Carvalho*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
 Nancy Frederick
 Tatiana Afanasieva
 José Paulo Jesus
 Pedro Rocha
 Mariana Costa
 Lilit Davtyan
 Francisco P. de Sousa
 Karolina Andrzejczak
 Catarina Martins
 Domingos Lopes
 Paul Almond
 Nikola Vasiljev
 Catarina Resende*

Viola

Mateusz Stasto
 Vinciane Vinckenbosch*
 Anna Gonerá
 Rute Azevedo
 Theo Ellegiers
 Luís Norberto Silva
 Jean Loup Lecomte
 Hazel Veitch
 Francisco Moreira
 Emília Alves
 Biliana Chamlieva
 Rita Costa*

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
 Vicente Chuaqui
 Feodor Kolpachnikov
 Irene Alvar
 Michal Kiska
 João Cunha
 Sharon Kinder
 Hrant Yeranossyan
 Bruno Cardoso
 Aaron Choi

Contrabaixo

Rui Rodrigues
 Florian Pertzborn
 Jorge Villar Paredes
 Tiago Pinto Ribeiro
 Nadia Choi
 Joel Azevedo
 Altino Carvalho
 Slawomir Marzec

Flauta

Paulo Barros
 Ana Maria Ribeiro
 Alexander Auer
 Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
 Tamás Bartók
 Telma Mota*

Clarinete

Luís Silva
 Carlos Alves
 João Moreira
 Gergely Suto

Saxofone

Romeu Costa*

Fagote

Gavin Hill
 Robert Glassburner
 Vasily Suprunov

Trompa

José Bernardo Silva
 Hugo Carneiro
 Eddy Tauber
 Bohdan Sebestik
 Raúl Roque*

Trompete

Sérgio Pacheco
 Adrian Martinez*
 Ivan Crespo
 Luís Granjo
 Rui Brito
 José Almeida*
 Leandro Rocha*

Trombone

Severo Martinez
 Dawid Seidenberg
 Nuno Martins

Eufónio

Ricardo Antão*
 Mauro Martins*

Tuba

Luís Oliveira*

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
 Paulo Oliveira
 Nuno Simões
 André Dias*
 Sandro Andrade*
 Pedro Góis*
 Tomás Rosa*
 José Silva*
 Pedro Pereira*

Harpa

Ilaria Vivan
 Ana Aroso*

Piano

Luís Duarte*
 Lígia Madeira*

Celesta

Lígia Madeira*

Órgão

Luís Filipe Sá*

Bandolim

José Pedro Leal*

*instrumentistas convidados

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

